

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO À ESLOVÁQUIA (13 a 15 de setembro de 2021)

Encontro com a comunidade cigana, 14 de setembro de 2021

Saudação do Papa Francisco (*excertos*)

O Papa recordou as palavras de São Paulo VI: «Vós na Igreja não estais à margem... Estais no coração da Igreja» (26 de setembro de 1965). O Papa acrescentou que “na Igreja, ninguém se deve sentir estranho nem marginalizado. E não se trata apenas de um modo de dizer, mas o modo de ser da Igreja. Pois ser Igreja é viver como convocado por Deus, sentir-se eleito na vida, fazer parte da mesma equipa. É assim que Deus nos quer: cada um diverso, mas todos unidos em redor d’Ele. O Senhor vê-nos todos juntos. ... A Igreja é isto: uma família



Foto: Lusa/EPA

lia de irmãos e irmãs com o mesmo Pai, que nos deu Jesus como irmão para compreendermos quanto Ele ama a fraternidade. E deseja que a humanidade inteira se torne uma família universal. Vós nutris uma grande amor pela família e olhais a Igreja a partir desta experiência. Sim, a Igreja é casa, é casa vossa. Por isso – digovolo do coração - sede bem-vindos! Senti-vos sempre

em casa na Igreja e nunca tendeis medo de habitar nela. Que ninguém vos afaste da Igreja, a vós ou a qualquer outra pessoa. ...

Não é fácil ultrapassar os preconceitos, mesmo entre os cristãos. Não é coisa simples sentir apreço pelos outros considerados frequentemente como obs-

(Continua na pág. 4)

Editorial

Este número da Caravana está focado na ousadia do Papa Francisco, na sua parrésia, termo que ele tanto gosta de utilizar. Num bairro da Eslováquia onde, com assinaláveis exceções, ninguém queria entrar, o Papa Francisco foi visitar ciganos ignorados pela sociedade. E depois da visita falou com entusiasmo de como foi ao encontro dos ciganos, de como falou com eles e os ouviu. O Papa Francisco foi assim dar exemplo *urbi et orbi*, do que é ser cristão: inclusivo e não exclusivo; de que não se pode proclamar como cristão e católico quem opta, tantas vezes publicamente, por discursos de ódio e de discriminação e ou com o seu voto, ou com as suas atitudes, ou com as suas teorias, por excluir alguém, ou ignorar alguém, ou categorizar alguém que já está nas margens da sociedade, como a excluir da sociedade, a não ser aju-

gado, a não ser apoiado nos seus esforços pela dignidade à qual, como o cristianismo ensina, todos, sem exceção, têm direito.

Mencionando, muito embora, notáveis iniciativas como a da próxima LEFFEST, este número inclui algumas notícias confrangedoras como a da paralisia que infelizmente tantas vezes infeta a política, com expressão na atitude das autoridades de Beja relativamente ao recurso aos novos meios de resolver os problemas endémicos de habitação de uma parte de forma alguma ignorável da população portuguesa, de concidadãos nossos, de irmãos nossos, de pessoas que têm os mesmos direitos que todos nós e que não podem ser vítimas da má gestão que as autoridades que são nossas fazem dos recursos que têm precisamente para darem prioridade a resolver os problemas mais fundamentais dessas pessoas.

Francisco Monteiro



DICASTERIO PARA EL SERVICIO
DEL DESARROLLO HUMANO INTEGRAL

Vaticano, 2 de agosto de 2021

Mensagem para o dia da Memória do Beato Zeferino Giménez

Como é bem conhecido, a Igreja celebra hoje a memória do Beato Zeferino Giménez Malla, o cigano que foi fuzilado em Barbastro em 1936 por tentar salvar um sacerdote. Na vida de Pelé, como é popularmente conhecido pelos ciganos, encontram-se refletidos os valores centrais da vida cristã. Era conhecido pela sua vida de oração, pela sua caridade constante; tinha também um dom natural para aconselhar. Como disse S. João Paulo II na sua beatificação, no dia 4 de maio de 1997, “foi, acima de tudo, um homem de profundas convicções religiosas”. (cf. *Homilia de S. João Paulo II na cerimônia solene da beatificação de Ceferino Giménez e companheiros mártires* em 4 de maio de 1997, 4).

Certamente que frequentar os sacramentos e a sua devoção mariana foram a base de tal atitude vital. Mas também o foi o preservar os valores tradicionais da cultura cigana, como a promoção da vida, a centralidade da família, o sentido religioso da vida, o acolhimento incondicional, a conceção humana do trabalho e a alegria de viver. No entanto, este ano quero frisar dois aspetos essenciais da vida do Beato Zeferino Giménez.

“Pelé” exercia o seu ofício de comerciante de animais, com um respeito exemplar pelos animais, semelhante ao de S. Francisco de Assis, a quem seguia como Terceiro Franciscano, como se “tivesse entrado em comunicação com tudo o que foi criado” (Cf. Encíclica *Laudato si'*, 2015, 11), ensinando aos jovens ciganos a conhecer esses animais (Cf. Encíclica *Laudato si'*, 2015, 33). No entanto, não era daquelas pessoas que se regia pela “incoerência de quem luta contra o tráfico de animais (...) mas que se desinteressa dos pobres” (Cf. Encíclica *Laudato si'*, 2015, 91).

Por isso, a atitude vital do Beato cigano não se limitava à Criação. Pela sua autoridade moral, era chamado com frequência, como pessoa de respeito, a mediar tanto nas disputas que surgiam entre famílias da comunidade cigana, como nos conflitos que por vezes perturbavam as relações entre ciganos e não ciganos. Não importavam nem a pertença étnica nem a condição social. Nele se cumpria o “reconhecimento basilar, essencial para caminhar rumo à amizade social e à fraternidade universal: dar-se conta de quanto vale um ser humano, de quanto vale uma pessoa, sempre e em qualquer circunstância” (Cf. Encíclica *Fratelli Tutti*, 2020, 106). Essa é a verdadeira amizade social e “o caminho que nos leva a uma verdadeira integração” (Cf. Regina Coeli do Papa Francisco do 8 de abril de 2018).

Pelé nasceu no seio de uma cultura que cuida dos seus mais pequenos e dos seus mais velhos com paixão. Sabem que tanto uns como os outros, pela sua vulnerabilidade, precisam de cuidado, embora também como agradecimento a Deus pelo dom das suas vidas. Por esse motivo, a celebração de hoje é também uma oportunidade para pedir à nossa sociedade que saiba “descobrir as riquezas de cada um, valorizar aquilo que nos une e olhar as diferenças como possibilidades de crescimento no respeito por todos. Torna-se necessário um diálogo paciente e confiante, para que as pessoas, as famílias e as comunidades possam transmitir os valores da própria

cultura e acolher o bem proveniente das experiências alheias” (Cf. Encíclica *Fratelli Tutti*, 2020, 134). Por causa desse intercâmbio geracional, os ciganos estão mais preparados para isso do que as sociedades maioritárias, uma vez que “os valores da liberdade, do respeito mútuo e da solidariedade se transmitem desde a mais tenra idade” (Cf. Encíclica



Fratelli Tutti, 2020, 114).

Os ciganos são peritos na fraternidade. As dificuldades que têm tido que enfrentar coletivamente, ao longo dos séculos, criaram neles um forte sentimento de pertença e de solidariedade de grupo. Daí que, segundo as notícias que têm chegado a este Dicasterio, os mecanismos de ajuda recíproca tenham mitigado o impacto da pandemia entre eles, à qual estavam mais expostos, precisamente por viverem famílias numerosas em espaços reduzidos. Um famílias ajudaram as outras a seguir em frente. Quero também assinalar os dispositivos de urgência que também foram desencadeados aos níveis diocesanos, religiosos e civis. A pandemia fez-nos des-

(Continua na pág. 3)

D. MARIO RIBOLDI, CIGANO ENTRE OS CIGANOS

Como o Cardeal Peter Turkson referiu no artigo anterior, em 8 de junho, o Senhor chamou a si Mons. Mario Riboldi. O P. Luigi Peraboni, que com D. Mario Riboldi, D. Massimo Mostioli e ainda com D. Bruno Nicolini, foram os grandes impulsionadores da causa da beatificação do Beato Zeferino, diz a propósito do chamamento de D. Mario: “só Deus sabe quantos ciganos estão lá em cima: que grande festa farão, com cânticos, danças, abraços e aclamações...”. As mensagens sobre D. Mario, do Cardeal Turkson, do Presidente da Comissão Episcopal para as Migrações da Conferência Episcopal Italiana, do Arcebispo de Milão onde D. Mario morava, entre outras, acentuam a sua vivência e partilha do Evangelho com os ciganos. O Cardeal Turkson diz: “tornou-se um cigano nas tantas comunidades ciganas que caminharam com ele, mas com uma capacidade única de criar pontes entre a Igreja e os ciganos”. Numa brochura feita sobre a sua vida, Mons. Mario Riboldi



foto Jornal da Nossa Terra – ADC Moura.

que não gostava que o tratassem por Mons., - “chamem-me apenas Mario dos ciganos”, à pergunta: “quais são as maiores dificuldades que encontrou na evangelização do povo cigano”, respondeu “a dificuldade sou eu mesmo. Tive que ‘superar-me’ a mim próprio, para penetrar

na cultura deste povo... Para nós entrarmos na sua mentalidade, nos seus métodos de vida, nas suas estéticas, é sempre muito difícil. Por isso, devemos antes de mais formar ciganos que se ponham a fazer o que eu estou a fazer. E isto, graças a Deus, está a acontecer”.

De facto, segundo um estudo feito pela equipa de D. Mario, existem em 15 países do mundo (11 dos quais na Europa), um bispo cigano, 82 padres ciganos (um em Portugal), 5 religiosos ciganos, 58 religiosas ciganas e 13 diáconos permanentes ciganos. De rito ortodoxo, existem dois padres ciganos, três monges e 4 monjas ciganos e um diácono cigano.

Mensagem para o dia da Memória do Beato Zeferino Giménez

(Continuação da pág. 2)

cobrir a nossa fragilidade e a nossa falta de solidariedade. Portanto, “a solidariedade hoje é o caminho a percorrer em direção a um mundo pós-pandemia, a uma cura das nossas enfermidades interpessoais e sociais. Não há outro. Ou seguimos em frente no caminho da solidariedade, ou a situação irá piorar. Quero repetir: não se sai de uma crise igual a antes” (Cf. *Audiência Geral* do Papa Francisco de 2 de setembro de 2020). Não nos esqueçamos que nestes tempos de pandemia, por exemplo em Stara Zagora (Bulgária), foi inaugurada uma escola e paróquia para os ciganos da cidade.

Também quero salientar a perda de Mons. Mario Riboldi. O sacerdote milanês, conhecido entre os ciganos como o *bàto Mario* ou o *sherò Mario*, foi para a Casa do Pai no dia 8 de junho, depois de uma vida de 57 anos dedicada à pastoral dos ciganos. Quanto fez, que humildade tinha e quanto lhe devemos! A sua vida foi a resposta à pergunta que se pôs em 1957, quando estava destinado à paróquia de Gnignamo e viu um acampamento cigano: “e quem anuncia o Evangelho a estas pessoas?” Com uma atitude de missão, de Igreja em saí-

da, encarnado na realidade cigana, soube inculturar o Evangelho e a liturgia e ajudar as famílias ciganas nas periferias urbanas e humanas, partilhando a sua vida diária feita de alegrias e tristezas. Inclusivamente traduziu o Evangelho para a língua cigana, escreveu muitas orientações pastorais nessa língua e viveu nas ruas e nos acampamentos, tendo percorrido toda a Europa na sua rulote-capela, desde 1971, tendo sido responsável pela pastoral dos ciganos na arquidiocese de Milão, até 2018.

Em 1958 enviou ao seu Bispo milanês, o Cardeal Montini, a proposta de uma pastoral específica para os ciganos. Uma vez eleito papa, S. Paulo VI não se esqueceu daquela proposta e organizou a primeira peregrinação internacional a Pomezia em 1965. Também deu um forte impulso à peregrinação internacional anual a Saintes-Maries-de-la-Mer (França) e aos encontros internacionais do *Comité Católico Internacional para os Ciganos* (CCIT). Porém se hoje o recordamos especialmente é porque foi ele quem descobriu a figura de Zeferino Giménez Malla e promoveu ativamente a sua postulação, até que S. João Paulo II o beatificou em Roma em 1997. Seguiram-se-lhe o apoio às postulações de Emilia Fernández, beatificada em 2017 e do Servo de Deus Juan Ramón Gil Torres, em processo de beatificação. A sua paróquia era uma rulote cujo sacrário estava tapado

(Continua na pág. 6)

LEFFEST 21 – 10-21 novembro

A 15ª edição do Lisboa + Sintra Film Festival foi anunciada numa conferência de imprensa no Palácio de Queluz em 1 de setembro. O LEFFEST 21 é dedicado à **CELEBRAÇÃO DA CULTURA ROM**.

Com este programa especial, o LEFFEST honra e celebra a cultura Rom em todas as suas expressões artísticas, da dança à literatura, passando pelo cinema, pela música e pelas artes plásticas. Viajaremos da Península Ibérica para a Europa Oriental para descobrir a riqueza e a profunda diversidade desta cultura, que integra os *ciganos, sintis, manouches, yeniche, caló*.

Não podemos ignorar o facto de que a memória dos povos Roma foi e continua a ser atravessada por uma lon-

ga história de discriminação, segregação e genocídio. Foi também nesse solo ensanguentado que floresceram e continuam a florescer infinitas expressões artísticas que, em pleno século XXI, ainda não são devidamente reconhecidas nem divulgadas como por inteiro o merecem.

Pelo contrário, em vez de avançarmos para um reconhecimento igualitário, vemos que o ódio xenófobo está de novo a tomar conta do discurso político, ao ponto de se tornar mesmo um argumento eleitoral.

Alarmados por este contexto, no LEFFEST promovemos contrariar este movimento e inverter o discurso. Queremos difundir e aprofundar o conhecimento

(Continua na pág. 5)



Mónica Lakatos

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO À ESLOVÁQUIA

(Continuação da pág. 1)

táculos ou adversários, formulando-se juízos sem conhecer os seus rostos e as suas histórias. ...

“Quantas vezes não só falamos sem provas ou por ouvir dizer, mas consideramos também ter razão quando somos juízes implacáveis dos outros. Indulgentes connosco, mas inflexíveis com os outros. Quantas vezes os juízos não passam realmente de preconceitos, quantas vezes adjetivamos! Deste modo desfiguramos com as palavras a beleza dos filhos de Deus, que são nossos irmãos. Não se pode reduzir a realidade do outro aos próprios modelos pré-concebidos, não se podem rotular as pessoas. Antes de mais nada, para conhecê-los verdadeiramente, é preciso reconhecê-los: reconhecer que cada um traz em si a beleza incancelável de filho de Deus, no qual se espelha o Criador.

Queridos irmãos e irmãs, muitas vezes fostes objeto de preconceitos e juízos cruéis, estereótipos discriminatórios, palavras e gestos difamatórios. Com isso, todos ficamos mais pobres, pobres em humanidade. O que precisamos para recuperar a dignidade é passar do preconceito ao diálogo, dos fechamentos à integração. ...

Onde se presta atenção à pessoa, onde existe trabalho pastoral, onde há paciência e ações concretas, aparecem os frutos. Não imediatamente, pois requer-se tempo, mas eles aparecem. Juízos e preconceitos só aumentam as distâncias. Contrastes e palavras duras não ajudam. ... O caminho para uma convivência pacífica é a integração. É um processo orgânico, um processo lento e vital, que começa com o conhecimento mútuo, prossegue

com paciência e estende o olhar para o futuro. E a quem pertence o futuro? Às crianças.

São elas que nos orientam: os seus grandes sonhos não podem esfacelar-se contra as nossas barreiras. Querem crescer juntas com os outros, sem obstáculos, sem restrições. Merecem uma vida integrada, uma vida livre. São elas que motivam as opções clarividentes; não buscam o consentimento imediato, mas olham para o futuro de todos. Pelos filhos, tomam-se decisões corajosas: pela sua dignidade, pela sua educação, para crescerem bem enraizados nas suas origens, sem ao mesmo tempo lhes ser vedada qualquer possibilidade.

Agradeço a quantos realizam este trabalho de integração que, além de exigir não pouca fadiga, por vezes é objeto também de incompreensão e ingratidão, porventura mesmo da Igreja. Queridos sacerdotes, religiosos e leigos, queridos amigos que dedicais o vosso tempo a oferecer um desenvolvimento integral aos vossos irmãos e irmãs, obrigado! Obrigado por todo o trabalho com os marginalizados. ... Obrigado a vós Salesianos! Prossegui por esta estrada, que não gera a ilusão de poder dar tudo e súbito, mas é profética, pois inclui os últimos, constrói a fraternidade, semeia a paz. Não tenhais medo de sair ao encontro de quem está marginalizado. Dar-vos-eis conta de sair ao encontro de Jesus. Ele espera-vos onde há fragilidade, não comodidade; onde há serviço, não poder; onde é preciso encarnar-se, não louvar-se. Aí é onde Ele está. ...

Encorajo-vos, abençoo-vos e trago-vos o abraço de toda a Igreja. Obrigado.”

LEFFEST 21

(Continuação da pág. 4)

sobre o povo Roma e sobre as suas manifestações culturais, que, durante séculos e até aos dias de hoje, têm alimentado, influenciado e enriquecido a chamada cultura europeia.

Por isso, desenhámos este programa, materializado num conjunto de eventos únicos. Desde logo com cinco concertos emblemáticos da variedade musical da cultura Rom e da forma como esta se fundiu com as culturas locais: a música flamenca, com o célebre mestre Josémi Carmona e o seu trio, que terá como convidado o grande Pepe Habichuela, e um espetáculo do maior bailaor da actualidade, Farruquito; a música romena com o grupo Taraf de Caliu, um novo projeto dos míticos Taraf de Hâïdouks, aclamados como um dos melhores grupos de música cigana do mundo; Mónika Lakatos, cantora húngara e primeira artista Rom a receber o prestigioso prémio WOMEX; Ricardo Ribeiro, famoso fadista português que reconhece a música Rom como uma das influências no seu canto; e, finalmente, Emir Kusturica & The No Smoking Orchestra, na sessão de encerramento do festival.

Organizaremos três debates históricos, cada um com enfoque num determinado momento histórico: 1) do Al-Andaluz à “Gran Redada” em 1749; 2) a perseguição e genocídio dos Rom pelos nazis durante a Segunda Grande Guerra; e, por fim 3) a situação atual na Europa Ocidental.

Apresentaremos ainda, no MU.SA, em Sintra, e pela primeira vez em Portugal, uma exposição dos trabalhos da pintora e escritora Rom austríaca Ceija Stojka. No contexto da exposição teremos ainda leituras dos seus textos e a apresentação de dois filmes sobre a sua figura, de Karin Berger, que também estará presente. Finalmente, o programa contará com um ciclo de cerca de vinte filmes, seguidos de conversas, com convidados especiais, entre eles os realizadores Tony Gatlif, Emir Kusturica, Leonor Teles, e ainda Michael Chaplin, e Carmen e Dolores Chaplin, que nesta altura prepararam um filme sobre as origens Rom de Charlie Chaplin, sobre o qual falarão no festival. E ainda muitas surpresas...

Um agradecimento especial à Maria Gil e ao Bruno Gonçalves, pela colaboração prestada no âmbito deste programa.



Ciclo de Filmes

Homenagem Tony Gatlif

Com a presença do cineasta.

LATCHO DROM

1993

VENGO

2000

KORKORO

2009

E ainda em antestreia:

TOM MEDINA

2021

Filme de Charlie Chaplin a anunciar

Introduzido por Michael Chaplin, e Carmen e Dolores Chaplin, que preparam um filme sobre as origens Rom de Charlie Chaplin, do qual exibirão um teaser no festival em primeira mão.

O TEMPO DOS CIGANOS

de Emir Kusturica, 1988

Com a presença do cineasta

Com a presença de Leonor Teles:

CÃES QUE LADRAM AOS PÁSSAROS

de Leonor Teles, 2019

BALADA DE UM BATRÁQUIO

de Leonor Teles, 2016

RHOMA ACANS

de Leonor Teles, 2012

THE COUNTRY DOCTOR

de Katariina Lillqvist, 1996

THE ROMANY MIRROR

de Katariina Lillqvist, 2001

IO LA MIA FAMIGLIA ROM E WOODY ALLEN

de Laura Halilovic 2009

Com a presença da cineasta

LOS TARANTOS

de Francisco Rovira Beleta, 1963

ATÉ ENCONTREI CIGANOS FELIZES

de Aleksandar Petrovic, 1967

ROSE TINTED DREAMS

de Dusan Hanák, 1977

TRIANA PURA Y PURA

de Ricardo Pachón, 2013

Seguido de debate

MANGE TES MORTS

de Jean-Charles Hue, 2014

AFERIM!

de Radu Jude, 2015

MI IUBITA MON AMOUR

de Noémie Merlant, 2021

BEING GYPSY

de Peter Nestler, 1970

APOIOS



Produção



Parceiros de Programação



Parceiros de Divulgação



Parceiros Institucionais



Parceiros



Parceiros Comunicação



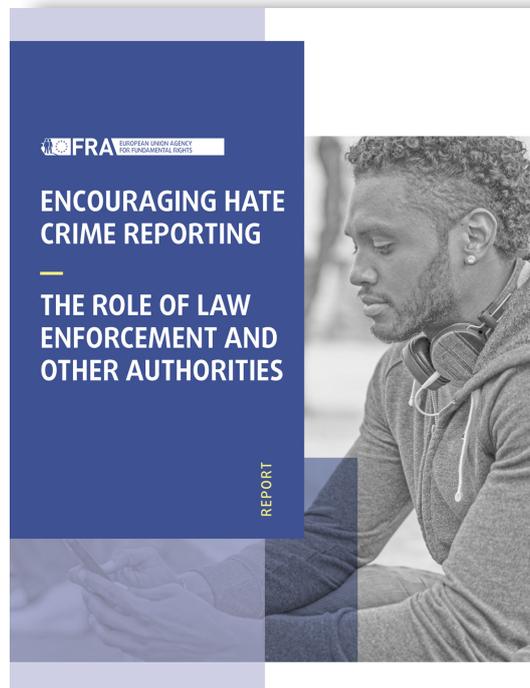
Hotel Oficial



A FRA PUBLICOU UM RELATÓRIO SOBRE OS CRIMES DE ÓDIO

Em 7 de julho, a FRA (Agência Europeia para o Direitos Fundamentais) publicou um relatório em que encoraja a denúncia de crimes de ódio e desenvolve os meios e as autoridades existentes para a respetiva atuação legal. No relatório a FRA afirma que os países da UE precisam de:

1. terminar a discriminação e capacitar as vítimas e as respetivas testemunhas para que possam concretizar a denúncia dos crimes de ódio. Os PMs (Países Membros) precisam de enfrentar a discriminação estrutural e os preconceitos existentes na sociedade, eliminar políticas discriminatórias, condenar publicamente os crimes de ódio e incrementar a consciencialização das vítimas para os seus direitos e para os apoios a que podem recorrer.



2. melhorar a denúncia e o seu registo, incluindo o respetivo sistema, facilitando a denúncia, por exemplo,

aceitando as denúncias de terceiros ou anónimas. A padronização do sistema de denúncia junto dos serviços de apoio, protegeria melhor e apoiaria as vítimas.

3. incrementar a capacidade para enfrentar os crimes de ódio, facultando orientação prática e formação à polícia, criando unidades especializadas para os crimes de ódio e assegurando uma cooperação estruturada entre as autoridades de defesa da lei e as organizações de apoio às vítimas, as organizações da sociedade civil e entidades de apoio à igualdade.

Mensagem para o dia da Memória do Beato Zeferino Giménez

(Continuação da pág. 3)

por uma cortina cozida à mão pelas mulheres ciganas.

Foi “o sacerdote dos ciganos”, um mestre da inculturação, do acompanhamento, da entrega e da humildade. Descobriu nos ciganos uma das poucas comunidades no Ocidente que colocam a fraternidade antes do egoísmo; e esta é uma das principais razões para a sua continuada exclusão em certos sectores da sociedade maioritária. Mons. Riboldi soube difundir os valores ciganos entre os não ciganos e às famílias ciganas deu o que tinha: o Evangelho e a sua própria pessoa, dedicando-se ao seu serviço. Quando por causa da idade lhe pediram que descansasse, respondeu que um pastor nunca abandona o seu rebanho. Viveu até 2020 na sua rulote do acampamento de Brugherio. Os ciganos por quem continuará a trabalhar na Casa do Pai, nunca o esquecerão, porque seguiu a Jesus Cristo que “se esvaziou a si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens” (Fl 2, 7).

Concluo dando graças a Deus pela vida de Mons. Riboldi e pedindo a Deus, por intercessão do Beato Zeferino Giménez, não só vocações ao serviço dos mais necessitados, mas também que as diferentes culturas

descubram o dom da amizade social proposto pelo Papa Francisco.

Graças à colaboração com a Pastoral dos Ciganos da Conferência Episcopal Espanhola, queremos proporcionar um material pastoral para viver a memória do Beato Zeferino e dar testemunho do legado que Mons. Riboldi nos deixa com a sua vida e com a sua fé partilhadas diariamente com as comunidades onde parava com a sua rulote. Pode-se começar a utilizar o material nesta ocasião, mas também em momentos que se considerem oportunos, sobretudo neste tempo tão difícil. Esperamos que seja um instrumento útil para converter a memória num fermento que nos permite acolher o nosso próximo numa dimensão de verdadeira fraternidade cristã.

Expresso os meus melhores desejos a esta Memória, invocando a intercessão maternal da Virgem Maria e a bênção divina para quem se dedica a trabalhar na pastoral cigana. Aproveito esta oportunidade para renovar os meus sentimentos de profunda estima,

devotadamente seu em Cristo

A handwritten signature in blue ink, which appears to be 'Peter K. A. Cardeal Turkson'.

Peter K. A. Cardeal Turkson
Prefeito

CIGANOS SÃO NOTÍCIA

Canção Nova

Em 11 de outubro a Canção Nova transmitiu uma entrevista com Francisco Monteiro sobre a pastoral dos ciganos e a situação dos ciganos em Portugal.

tv.cancaonova.pt

https://www.youtube.com/watch?v=ITMxoB_f-V8&ab_channel=Can%C3%A7%C3%A3oNovaPortugal

Público (28 set)

Estratégia de habitação de Beja esquece bairro cigano

Um dos mais graves problemas habitacionais do Alentejo foi omitido por todas as forças políticas

“A promoção de soluções de habitação para os cerca de 800 ciganos que vivem em ‘condições habitacionais indignas’, no Bairro das Pedreiras, em Beja, como se preconiza na Estratégia Local de Habitação (ELH), não mereceu qualquer acolhimento por parte de todos os autarcas com assento na Câmara e Assembleia Municipal de Beja (AMB) - PS, CDU, PSD e BE.

O debate tenso que rodeou a proposta apresentada pela maioria socialista da Câmara de Beja, gerou controvérsia e animosidade pelas opções tomadas, sem que se vislumbrasse um comentário que fosse sobre a situação que mantém há vários anos cerca de 300 pessoas sem água e sem energia elétrica, a viver em barracas, e mais de 500 alojadas em casas de alvenaria T2 em condições precárias.

As condições de alojamento da comunidade cigana de Beja é tema mediático desde 2005, quando cerca de 250 cidadãos ciganos foram deslocados, sob vigilância do corpo de intervenção da GNR, de um aglomerado de barracas para novas habitações no Bairro das Pedreiras. O modo precário como foram alojados e cercados por um muro com três metros de altura justificou a condenação do Estado português, em junho de 2011, por violação da Carta Social Europeia.”

Em 2018, Ana Pinho (AP), então secretária de Estado para a Habitação ao visitar o Bairro das Pedreiras,

acompanhada por Rosa Monteiro, Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade, comenta: “tinha informação sobre este bairro, mas o que vejo é muito pior do que aquilo que eu pensava”. “O panorama era desolador: ‘as crianças circulavam mal agasalhadas, acossadas por tosses persistentes, enquanto os pais reclamavam por uma habitação que os libertasse de vidas inteiras a viver debaixo de toldos’”, descrevia o Público na altura. AP logo considerou a “urgência e a premência de encontrar uma resposta eficaz e efetiva”, mas “reconheceu ser ‘mais complexo integrar comunidades que foram desintegradas com o modelo de acesso à habitação [do Bairro das Pedreiras] do que integrar comunidades que nunca o foram’. Estes casos, acentuou, ‘precisam de uma resposta estruturada mas acima de tudo integrada’.”

“Paulo Arsénio (PA), Presidente da Câmara de Beja, que na altura iniciava o mandato que agora renovou, adiantava que, em primeiro lugar, ‘há que fazer o diagnóstico da situação’, reconhecendo que a autarquia tem de se empenhar com os parceiros do distrito e com o Governo para minimizar um problema social ‘grave’.

Quatro anos depois, e com a ELH de Beja aprovada, a comunidade cigana do Bairro das Pedreiras vai continuar a contar com o apoio da Cruz Vermelha e da Cáritas, quando chover muito ou fizer muito calor, sem que se vislumbre qualquer solução para o mais grave problema social do Alentejo.”

Na ELP de Beja “eventualmente, poderão ser incluídas famílias ciganas, admitiu PA”, “sem explicar a ausência na estratégia de uma solução para o Bairro das Pedreiras” e acrescentando que “a estratégia seguida para a elaboração da ELH ‘não é a perfeita, mas é a possível’.”

Voz da Verdade (19 set)

Na rubrica habitual de Aura Miguel, “Roma”, dá-se relevo ao encontro do Papa Francisco com a comunidade cigana da Eslováquia, no Bairro Luník IX em Kosice, na tarde de 14 set.

(Continua na pág. 8)

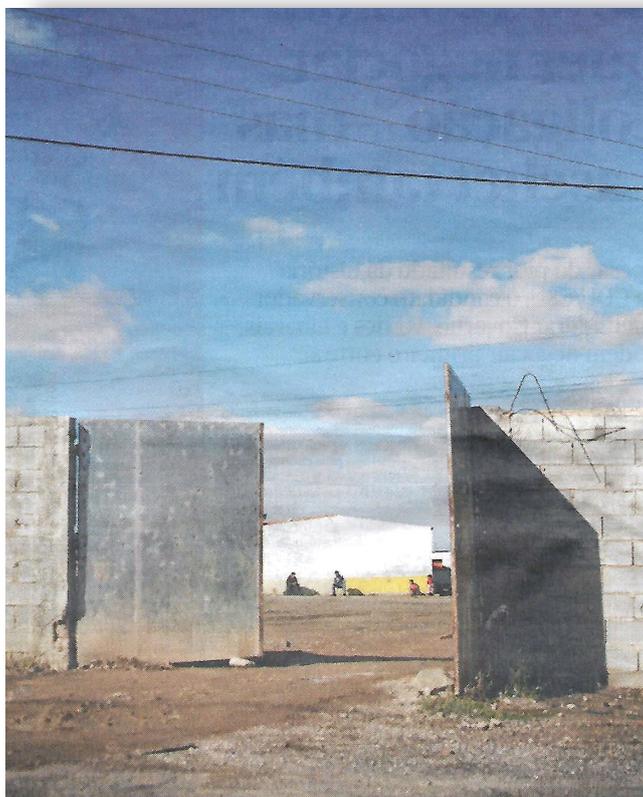


foto Público

Sol (18 set)

Visita Papal sem papas na língua

O Papa Francisco, que realizou uma visita oficial na Europa, apelou à integração da comunidade cigana na Eslováquia e à abertura aos imigrantes.

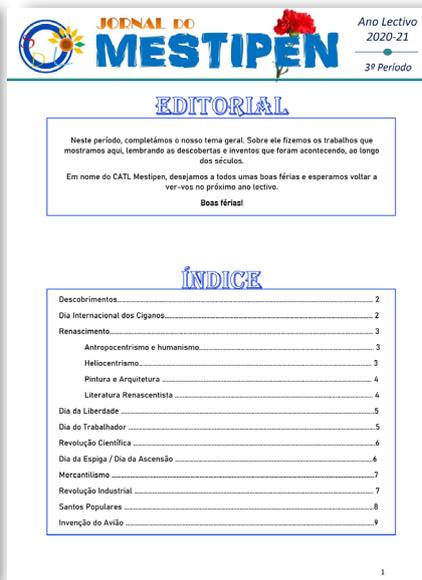
“Integração” e combater “preconceitos e juízos duros, estereótipos discriminadores, palavras e gestos discriminatórios”, foram estas as ideias-chave que resultaram da visita do Papa Francisco ao bairro de Luník XI, em Kosice, um dos maiores e mais pobres da comunidade cigana na Eslováquia.

O Papa visitou este bairro, “onde boa parte dos eslovenos nunca se imaginaria a entrar”, “no quarto dia da sua viagem pela Hungria e Eslováquia, que tem deixado os seus governantes conservadores desconfortáveis”. O Papa pediu “que fossem dadas oportunidades às gerações mais novas desta comunidade, apelando à sua inserção na sociedade”.

“O caminho para a coexistência pacífica é a integração”, defendeu o Papa, depois de ouvir os testemunhos de membros da comunidade. ‘Os grandes sonhos [das crianças] não podem ser esmagados contra as nossas barreiras. Querem crescer juntamente com os outros, sem obstáculos nem exclusões”, afirmou.



Jornais do Secretariado Diocesano de Lisboa da Pastoral dos Ciganos (SDL).



comunidade cigana, na Eslováquia, num bairro da periferia de Kosice, no leste do país europeu, onde cerca de 5 mil pessoas de origem cigana vivem em condições de degradação e pobreza, sem gás, eletricidade ou água corrente. FM refere que “esta visita do Papa tem um significado muito grande simbólico de afirmação de que a Igreja, como tem dito várias vezes, é para as margens e para todas as pessoas sem qualquer discriminação, sem qualquer distinção, está ao pé de quem está às margens da sociedade”. E salientou que a visita do Papa Francisco à comunidade cigana no bairro Lunik IX “é um exemplo” para o Governo Eslovaco, para a União Europeia (UE), “à qual a Eslováquia pertence”, e também para a Igreja Católica. “Neste bairro depois de terem saído todos menos os ciganos, a Igreja está reduzida aos Salesianos que têm trabalhado intensa e corajosamente contra todas as adversidades locais”. Na Eslováquia, a Igreja Católica desenvolveu-se entre a “minoría grande dos ciganos” e tem “10 padres e cinco religiosas” desta comunidade.

O Papa Francisco pediu o fim dos preconceitos, dos juízos cruéis e alertou que todos ficam “mais pobres, pobres em humanidade” e, neste contexto, FM observou que “o Papa não tem papas na língua contra o populismo, pela luta pela igualdade, pela não discriminação, pela inclusão”, lembrando que a visita começou

pela Hungria onde é conhecida a posição do seu governo.

Essas palavras são o eco de um dos princípios constitutivos da política inicial da UE (*o da coesão social*), segundo o qual a sociedade não pode prosperar através da exclusão de partes, de franjas da sociedade, exclusão que “é completamente errada do ponto de vista humano, do Papa, e da economia”.

Na sua intervenção, o Papa Francisco elogiou o sentido de família na tradição dos Rom, e FM destaca que é “uma das características da cultura cigana”, cultura que é, de certa maneira, “a causa da discriminação dos ciganos, que estão em Portugal há 500 anos, e são cerca de “60 mil, 0,6% da população geral. “Foram muito bem recebidos inicialmente como artífices e artistas e acabaram por ser excluídos, perseguidos, escorraçados, por quererem manter a fidelidade à sua cultura; no entanto, as leis da UE dão todo o direito à diversidade das culturas e o Papa venceu isso bem: a diversidade faz parte do cristianismo, faz parte do amor fraterno”.

(Continua na pág. 9)

Ecclesia – internet (15 set)

Ciganos: Visita do Papa a comunidade eslovaca tem grande significado «simbólico» – Francisco Monteiro

Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos alerta para «guetos horríveis em Beja» e assume necessidade de lutar «contra o populismo e o anticiganismo»

Francisco Monteiro (FM), diretor-executivo da Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos (ONPC), da Igreja em Portugal, considera que a visita do Papa Francisco a uma comunidade cigana, durante a viagem à Eslováquia “foi uma afirmação de que a Igreja é para todas as pessoas”. “A visita teve uma grande importância porque na Eslováquia a comunidade cigana é uma das maiores da Europa de Leste: 400 mil pessoas, 8% da população da Eslováquia é cigana, sendo a maior ou uma das maiores minorias e que tem problemas enormes de pobreza, de miséria”.

O Papa Francisco encontrou-se com membros da

No início do ano pastoral 2021/2022, o diretor-executivo da ONPC explica que no plano de ação se destaca “a luta” pelo “problema gravíssimo dos nómadas compulsivos no Alentejo”, a luta contra o populismo e o anticiganismo, e “o esforço para que sejam os próprios ciganos a assumir o seu futuro e a responsabilizar-se por si e pela sua evolução”, um princípio básico da missão.

“O princípio do gueto é mau, é gerador de conflitos e a consagração social pública da discriminação mas entre guetos e barracas prefiro o gueto”, sublinhou, alertando que “há guetos horríveis em Beja” e elogiando “o bom exemplo” em Alcobça.

Ecclesia – internet (14 set)

Eslováquia: Papa pede fim do preconceito contra comunidade cigana

Francisco visitou bairro marcado pela pobreza, nos arredores de Kosice

O Papa encontrou-se hoje na Eslováquia, com membros da comunidade cigana, pedindo o fim do preconceito contra esta população.

A população é acompanhada por religiosos desde 2008.

O Papa Francisco foi acolhido em clima de festa e ouviu testemunhos dos habitantes de Luník IX, afirmando que, na Igreja, “ninguém se deve sentir estranho nem marginalizado”. Elogiou o sentido de família, na tradição dos Rom e apresentou a Igreja como a “casa” de todos, admitindo que “não é fácil ultrapassar os preconceitos, mesmo entre os cristãos”. Não se pode reduzir a realidade do outro aos próprios modelos pré-concebidos, não se podem rotular as pessoas. Antes de mais nada, para conhecê-los verdadeiramente, é preciso reconhecê-los: reconhecer que cada um traz em si a beleza incancelável de filho de Deus, no qual se espelha o Criador”.

O Papa insistiu na necessidade de criar pontes. “O caminho para uma convivência pacífica é a integração. É um processo orgânico, lento e vital, que começa com o conhecimento mútuo, prossegue com a paciência e estende o olhar para o futuro”.

Francisco agradeceu a todos os que, na Igreja Católica, se dedicam a este trabalho junto de populações marginalizadas. Durante o encontro interveio o padre Peter Besenyei, sacerdote que consagrou a sua vida ao serviço dos ciganos, e que falou ao Papa da vida e das dificuldades deste “gueto” e das atividades do Centro Pastoral Salesiano que dirige.

Ecclesia – internet (28 jul) (notícia repetida em 2 de agosto)

Pastoral dos Ciganos: Vaticano convida a aprender com cultura que «cuida dos seus mais pequenos e dos seus mais velhos»

Mensagem para a memória do Beato Zeferino Giménez destaca comunidades «peritas na fraternidade»

O Vaticano divulgou uma mensagem para a celebração da memória do Beato Zeferino Giménez (2 de agosto), cigano espanhol conhecido como “Pelé”, convidando a promover uma “verdadeira fraternidade cristã” que respeite todos.

O Cardeal Peter Turkson, prefeito do Dicastério para o Serviço de Desenvolvimento Humano Integral (Santa Sé), na mensagem recorda que “Pelé (como é popularmente conhecido pelos ciganos) nasceu no seio de uma cultura que cuida dos seus mais pequenos e dos seus mais velhos com paixão. Sabem que tanto uns como os outros, pela sua vulnerabilidade, precisam de cuidado, embora também como agradecimento a Deus pelo dom das suas vidas”. Zeferino Giménez Malla foi fuzilado

em Barbastro (Espanha), em 1936, por tentar salvar um sacerdote.

A Santa Sé destaca que, na vida de Pelé se encontram refletidos “os valores centrais da vida cristã”. “Os ciganos são peritos na fraternidade. As dificuldades que têm tido que enfrentar coletivamente, ao longo dos séculos, criaram neles um forte sentimento de pertença e de solidariedade de grupo”.

O Cardeal Turkson realça os mecanismos de

ajuda recíproca que mitigaram o impacto da pandemia entre os ciganos. A pandemia fez-nos descobrir a nossa fragilidade e a nossa falta de solidariedade”. D. Peter Turkson evoca a figura do Beato Zeferino Giménez como alguém que soube “preservar os valores tradicionais da cultura cigana, como a promoção da vida, a centralidade da família, o sentido religioso da vida, o acolhimento incondicional, a conceção humana do trabalho e a alegria de viver”.

A mensagem recorda ainda o sacerdote milanês Mario Riboldi, falecido a 8 de junho, “depois de uma vida de 57 anos dedicada à pastoral dos ciganos”, tendo percorrido toda a Europa na sua rulote-capela, desde 1971. “Mons. Riboldi soube difundir os valores ciganos entre os não ciganos e às famílias ciganas deu o que tinha: o Evangelho e a sua própria pessoa, dedicando-se ao seu serviço”, refere o Cardeal Turkson. “O sacerdote italiano colaborou, entre outros, na causa que levou à

(Continua na pág. 10)

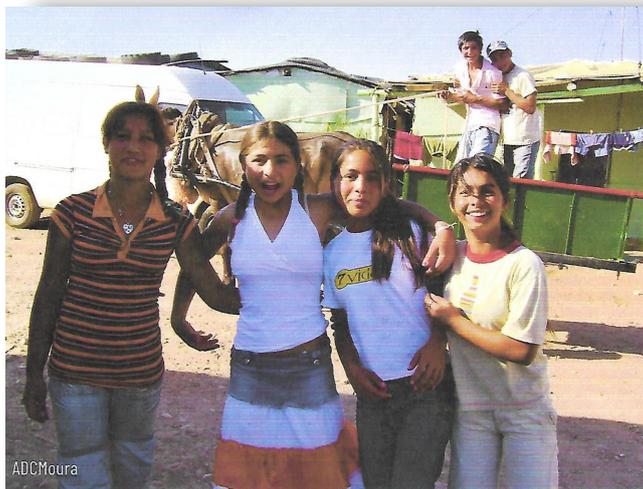


Foto ADC Moura

beatificação de Zeferino Giménez Malla. O Vaticano e a Conferência Episcopal Espanhola prepararam materiais pastorais para estas celebrações, orientados para quem se dedica a trabalhar na pastoral dos Ciganos”.

Jornal da Nossa Terra (15 mar) (JNT)

Edição dedicada aos ciganos de Moura – continuação do nº 101.

O JNT conta histórias de ciganos de localidades do Concelho de Moura:

Benjamim Barão (BB) (“o mediador”), 27 anos, mourense, cigano,” mediador intercultural por convicção e missão”.

Em 2019, foi convidado, por uma Associação de Ciganos de Coimbra, para participar numa viagem de estudo à Polónia. “Visitámos o campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, onde, de 3 para 4 de agosto de 1944, os ciganos que aí se encontravam se revoltaram contra os guardas, ar-

armados com pás, paus e pedras. Os nazis deportaram alguns para outros campos e gasearam os restantes, cerca de 4 mil, nessa noite. Foi nessa visita, já em Cracóvia, que conheci o Raymond Gurême, um dos últimos ciganos sobreviventes do holocausto nazi. Lembro-me mais ou menos das palavras que nos dirigiu: ‘Não deixem o vosso futuro nas mãos dos loucos. É preciso resistir à discriminação, ao racismo, às expulsões violentas de ciganos’. Foi um privilégio enorme ter conhecido o Raymond, que, infelizmente, já faleceu, em maio do ano passado. ... Raymond tinha 15 anos quando foi enviado para campos de concentração, e tem agora 95 anos, e é cigano. Conseguiu escapar 12 vezes dos campos de concentração. É uma pessoa incrível. ... O mundo está a precisar muito de pessoas como ele.”

BB afirma: “há valores que não se devem perder, por muitas evoluções e progressos que aconteçam. E um deles é a importância da família. Para as comunidades ciganas, a família é nuclear, é essencial. E o respeito pelos mais velhos também. ... A família nunca deve perder-se. O respeito pelos pais, pelos mais antigos, é uma coisa muito boa que me ensinaram e que eu estou a passar aos meus filhos.

No dia 10 de Agosto de 2020, a ADCMoura* celebrou o seu 27º aniversário a propósito do qual BB

escreveu no Facebook: “E hoje a casa que me recebeu há 7 anos, a que me recebeu de braços abertos quando ainda não sabia o que era o mundo laboral, a que ainda faz parte do meu quotidiano, faz 27 anos de vida. Parabéns, ADCMoura!’ É preciso ter ao nosso lado um grupo de pessoas, mesmo não ciganas, que sejam amigos desta causa. Na ADCMoura encontrei-as, por isso na ADCMoura sinto-me em casa. Aqui aprendi e aprendo todos os dias, aqui fiz amigos. Aqui sinto-me à vontade para cumprir com as minhas obrigações e responsabilidades. É bom contar com pessoas que se preocupam com a causa cigana. Aquilo que sou, devo à ADCMoura, às pessoas com quem tenho aprendido aqui”.

Seguem-se diversos textos sobre os ciganos da autoria do escritor Urbano Tavares Rodrigues, natural de Moura.

A cultura cigana é ágrafa: transmite-se entre gerações apenas pela palavra. Existem assim pouquíssimos registos históricos referentes a este povo, e os que existem são relativamente recentes e oriundos da cultura maioritária. Os poucos elementos de que dispomos para o estudo da história do povo cigano são relativos à sua língua, lendas e hábitos. (Delphine ATTALI, Cláudia GUERRA, Observatório sociodemográfico das comunidades ciganas, ADCMoura, 2013).

Sob a designação: *Ciganos: Abecedário* seguem-se de A a Z explicações / ilustrações sobre diversas palavras significativas para a cultura cigana: **barraca**; (**dar**) **Cabaças** (terminar um relacionamento, namoro ou casamento, entre um homem e uma mulher); **discriminação**; **escola**; **família**; **gadje / gadjo** (não cigana / não cigano); **holocausto**; **Igreja Filadélfia**; **jardim-de-infância**; **lei (cigana)**; **mediador(a)** (o concelho de Moura conta com 4 mediadores interculturais, 3 dos quais de etnia cigana, no âmbito do projecto Mediadores Municipais e Interculturais (POISE), promovido pela CM-Moura em parceria com a ADCMoura, que asseguraram o desenvolvimento de actividades relacionadas com a capacitação de pessoas desfavorecidas, criação de pontes entre cidadãos e instituições, promoção da cooperação e diálogo intercultural e construção de

Sob a designação: *Ciganos:*

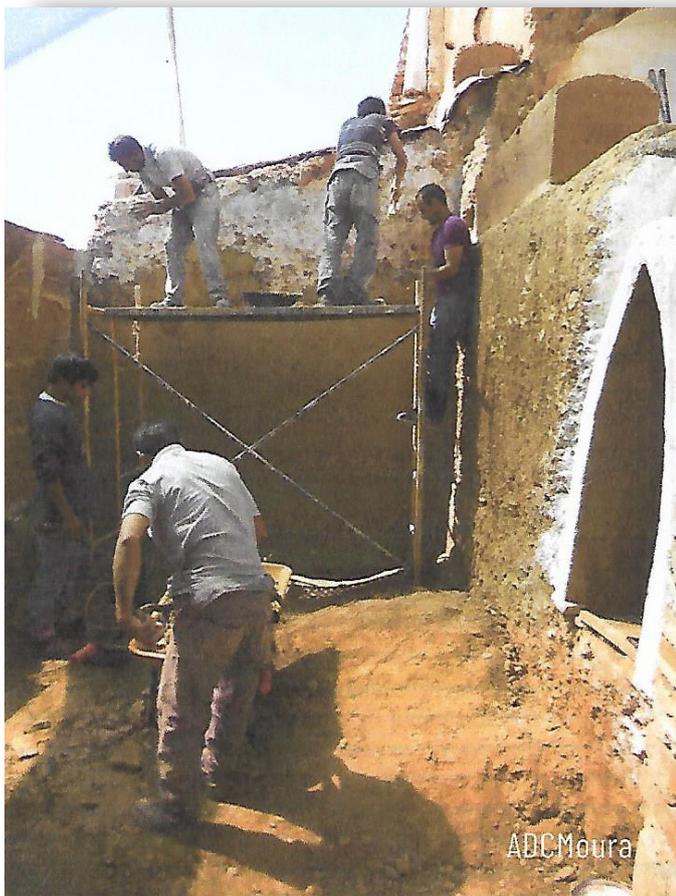
Seguem-se diversos textos sobre os ciganos da autoria do escritor Urbano Tavares Rodrigues, natural de Moura. A cultura cigana é ágrafa: transmite-se entre gerações apenas pela palavra. Existem assim pouquíssimos registos históricos referentes a este povo, e os que existem são relativamente recentes e oriundos da cultura maioritária. Os poucos elementos de que dispomos para o estudo da história do povo cigano são relativos à sua língua, lendas e hábitos. (Delphine ATTALI, Cláudia GUERRA, Observatório sociodemográfico das comunidades ciganas, ADCMoura, 2013).

(Continua na pág. 11)



SDL

soluções mutuamente satisfatórias); **nómada**; **Opré Chavalé** (expressão em romani que significa “Erguei-vos jovens (ciganos)” e que deu nome a um projecto promovido, entre 2014 e 2016, pela Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres, em parceria com a Associação Letras Nómadas, co-financiado pelo Programa Cidadania Activa – EEA Grants gerido pela Fundação Calouste Gulbenkian e com o apoio do Programa Escolhas e a Fundação Montepio, destinado a capacitar e acompanhar estudantes ciganos no acesso e frequência do ensino superior. Este projecto deu lugar ao actual programa **OPRE** (Programa Operacional de Promoção da Educação), promovido



ADC Moura - Formação em reabilitação e conservação de edifícios em terra - 2011.

em parceria pelo Alto-Comissariado para as Migrações e pela Associação Letras Nómadas. Dirige-se a estudantes das comunidades ciganas que pretendem ingressar ou que estejam a frequentar o ensino superior); **participação** (o associativismo cigano carece de ser reanimado, não só como factor mobilizador da comunidade, mas como representante e advogado dos interesses que congrega); **quarentena**; **RSI** (o Rendimento Social de Inserção “revelou-se uma medida da maior importância face à situação de pobreza extrema em que se encontra parte da comunidade cigana. Permitiu enfrentar situações de total incapacidade material para suprir as necessidades básicas, mas foi também factor importante para estabelecer algumas pontes entre o Estado e a comunidade ciga-

na. Permitiu ainda estabelecer contratualizações com as famílias ciganas através das quais as crianças passaram a frequentar a escola, as mulheres e as crianças a serem cobertas pela saúde materno-infantil, os(as) adultos (as) a terem acesso à formação recorrente e profissional, etc.” (AR);

“a par da redução dos nichos de trabalho tradicionais (feiras, mercados e trabalhos agrícolas sazonais), (o RSI) arrastou consigo expectativas frustradas face à inserção laboral e social na sociedade maioritária, introduzindo uma nova postura de passividade, contrária ao que era comumente reconhecida como uma força nas comunidades ciganas, como o empreendedorismo, ainda que fosse mais visível na economia informal. Nesse sentido, esta medida é também vista negativamente pelas comunidades ciganas, se não forem introduzidas, a par, medidas efectivas de inserção laboral, uma vez que contribui para alimentar o estigma de parasitismo social (Mirna Montenegro)); **sastipen** (boa saúde em Romani); **TIC** (Tecnologias de Informação e Comunicação; **união de facto**; **viagem**; **xenofobia**; **zíngaro** (cigano).

Segue-se uma pequena bibliografia sobre ciganos e um passatempo com perguntas, remetendo as soluções para o próximo nº.

* Associação para o Desenvolvimento do Concelho de Moura



ADC Moura - Opré Chavalé

JUPONLINE.PT (6 fev)

CIGANOS: UMA HISTÓRIA DE RACISMO

(continuação do nº 100)

“Sem trabalho a vida de qualquer pessoa é feita de inúmeros expedientes e esquemas de sobrevivência, que no caso dos ciganos se institucionalizaram. (...) Nesta esfera de empobrecimento ascendente, surge a saída para tráficos à margem da lei, selando o preconceito que já existia. Há, claro, uma economia paralela da droga, assim como crimes violentos, tal como o há entre os «locais», mas ninguém julga o grupo de locais como um todo ou a sua família por inteiro. Depois, mesmo que tal derive de uma equação lógica de pobreza à

(Continua na pág. 12)

criminalidade, o perigo de aceitar sem mais esse raciocínio, significa perpetuarmos o estigma de que a cultura de pobreza é criminosa, ou de que qualquer marginal da sociedade – como se assume e é definido aqui o cigano – é “naturalmente” um delinquente, omitindo da questão quem definiu essa equação, quem determinou essas situações, quem determina as condições da economia e as possibilidades da subsistência do dia-a-dia.” (Alambique, IV, 2012).

A par deste confinamento forçado em zonas indesejáveis das cidades e demais localidades, que refletem políticas sociais irresponsáveis, que visaram primeiro a guetização da pobreza em detrimento da resposta a flagelos sociais evidentes, o cigano é vítima de dinâmicas de poder, de vigilância e coação que apenas contribuem para reforçar o seu lugar na margem. James aponta para o policiamento extremo de que são alvo, não apenas por forças de segurança que estão frequentemente suscetíveis a um extremar ideológico nocivo, mas também através das instituições sociais, educativas ou de saúde, que, ao invés de cumprirem o seu papel, agem como forças policiais, recolhendo e partilhando dados que comprometem estas comunidades.

“Na atualidade, os portugueses da Vidigueira não ficam nem mais ricos nem menos pobres por perseguirem os ciganos que aí vivem. Os bejenses não ficam mais seguros por erguerem um muro à volta de mais um gueto cigano, nem tão pouco os pais e professores que os metem em turmas só para ciganos, ou os tentam enviar para outras escolas. Nem quem os insulta nos supermercados ganha mais ao fim do mês por essa raiwa. Mas todos eles certamente sentem-se “mais portugueses, mais patrióticos, mais cultos, mais limpos, mais certos da sua «superioridade» identitária.” (Alambique, IV, 2012)

É, por isso, após um exercício de reflexão, o mais intelectualmente honesto possível, necessário repudiar toda e qualquer narrativa que assente sobre a premissa do “português de bem”, que procura incutir um tom moralizador à pobreza, apontando dedos àqueles que, ano após ano, década após década, têm suportado, estáticos, a inoperância de um Estado que, para camuflar a

gestão danosa dos sucessivos governos, nunca se coíbiu de a instrumentalizar.

Os ciganos construíram, connosco, nacionalidade. Adolpho Coelho, em *Os ciganos de Portugal: com um estudo sobre o calão* (1892), evoca os “mais de 250 homens d’essa raça” que “alistados no exército português, desde a restauração do reino” serviram “nas fronteiras «com zelo e valor com que já foram muito apre-meados».” Evoca, ainda, no espírito de Thomé Pinheiro da Veiga, “o caso d’aquelle pobre cigano que serviu a sua pátria adoptiva «três annos contínuos com suas armas e cavallo á sua custa, sem soldo», combatendo até à morte por uma pátria que, 400 anos depois, ainda persegue a sua etnia.

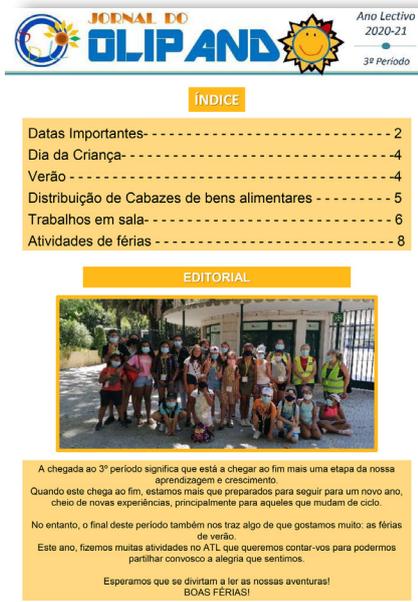
Para finalizar, diz o autor que “esse facto basta para resgatar a raça ci-

gana do opprobrio de mais de quatro seculos e para nos fazer pensar em chamar os seus actuaes descendentes, por uma politica mais racional e humana que a dos nossos antepassados, ao convívio da civilização.”

Contudo, e como comprova a franca adesão a uma linha retórica que tem como

porta-estandarte o ódio a esta minoria, em abono de uma ideia de nacionalidade baseada na ignorância, não podemos abster-nos de lutar pelo reconhecimento dos ciganos enquanto portugueses, legitimados por um legado de séculos que nem reis conseguiram vergar.

Rafael Jesus



SDL



FICHA TÉCNICA
a caravana

Director: P. Frei Francisco Sales Diniz, O.F.M.
Propriedade e Editor: Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos
QUINTA DO BOM PASTOR, EST. DA BURACA, 8/12, 1549-025 LISBOA
TEL. 21 885 5468 - FAX 21 584 9514
Contribuinte N.º 501660054
Email: pastoralciganos@ecclesia.pt Internet: www.ecclesia.pt/pnciganos
Periodicidade: Trimestral
Tiragem: 900 exs.
Paginação: Paulo Nunes - Tlm. 934207548
Impressão: OCPM
Isento de registo na ERC ao abrigo do alº a) do nº 1 do artº 12 do D.R. 8/99 de 9/6, com as alterações introduzidas pelo D.R. 2/09 de 27/01.